

A portrait of a middle-aged man with short, dark hair, wearing glasses, a white shirt, a dark tie, and a dark suit jacket. He is looking slightly to the left of the camera. The background is a solid, muted red color.

Blumenau em cadernos

Eventos em destaque na Fundação Casa Dr. Blumenau em 1982

- 22 de março — Centenário de nascimento de Edith Gaertner - 1882-1982
- 07 de abril — Dez anos de Instituição da Fundação "Casa Dr. Blumenau" - Lei 1835, de 7/4/72,
- 1º de julho — Cinco anos de atividades da Biblioteca Ambulante pioneira em Santa Catarina.
- 30 de agosto — Trinta anos de atividades da Biblioteca Municipal Dr. Fritz Müller - Lei 354 de 30/08/1952.
- Novembro - Jubileu de 25 anos da revista cultural "Blumenau em Cadernos" - 1957-1982.

TOMO XXIII - Nº 7

JULHO 1982

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de :

Artur Fouquet - Blumenau
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeireira Odebrecht Ltda. - Blumenau
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXIII

Julho de 1982

Nº 7

SUMÁRIO

Página

UMA COLONIA SOCIALISTA	194
A HISTÓRIA DE BLUMENAU REVELA	196
HÁ 50 ANOS A "IGREJA DE CRISTO" EM RIO DO SUL.....	193
HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU	200
CURIOSIDADES DE UMA ÉPOCA — XV	203
ACONTECEU — Junho de 1982	209
O "KOLONIE-ZEITUNG"	211
PREFEITO DE BRAUNSCHWEIG VISITOU BLUMENAU	215
A OPINIÃO DOS QUE NOS VISITAM	216
TORNEIO ESPECIAL DE SKAT	216

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 500,00

Número avulso Cr\$ 50,00 -- Atrasado Cr\$ 80,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 500,00 mais o porte Cr\$ 500,00 total Cr\$ 1.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

CAPA — "Blumenau em Cadernos" completa, em novembro deste ano, 25 anos de circulação, cuja primeira edição ocorreu em novembro de 1957. Eis porque estamparemos na capa desta revista, durante todo o ano, a foto do seu fundador, **Prof. José Ferreira da Silva**, numa homenagem ao saudoso historiador. (O clichê foi confeccionado e gentilmente oferecido pela CLICHERIA BLUMENAU LTDA.

UMA COLONIA SOCIALISTA

José Ferreira da Silva

As idéias socialistas, desde muito, vem interessando e tentando os homens. Principalmente aqueles que dotados de bons sentimentos sonham com melhores dias para os seus semelhantes. Condoem-se da miséria e da pobreza do próximo e, entendendo que o mal está na má organização social, concedeu e procurou concretizar planos para obstar ao mal. Baseiam estes planos partindo do pressuposto de que todos os homens são igualmente bons, bem intencionados, honestos. Esqueceu-se de que a realidade é justamente o oposto. O homem, por sua natureza, é propenso ao mal. Já a observância de princípios rurais que vêm sendo aprimorados através dos séculos, é que o compele a manter-se dentro de determinados limites, estabelecidos para que os direitos de um não colidam com os direitos do outro. O axioma: "o teu direito acaba onde o meu começa" consubstancia muito bem essa regra. Mas o idealista não pensa assim e a convicção de que seu próximo é, como ele, capaz de renúncias do seu direito em favor do bem-estar e da felicidade do seu semelhante, leva-o a muitas desilusões e a muitos fracassos.

Pelos fins do século passado e princípios destes, as idéias socialistas estavam muito em voga e não eram combatidas, como hoje são algumas modalidades do socialismo, tal como o comunismo materialista. E não só eram atacadas como houve, até algumas tentativas de se pôr essas idéias em prática aqui no Brasil e lá fora. O Caso da Colônia Santa Cecília no Paraná é típico. Aqui em Blumenau, também houve uma tentativa dessas. Os dois irmãos Hering, que fundaram a grande empresa têxtil que é hoje, um dos mais prósperos empreendimentos do país, foram homens de bom coração. Os seus operários eram tratados como gente, respeitados na sua dignidade humana. Principalmente Bruno, o "Onckel Hering", como todos o tratavam, era uma criatura boníssima. Tendo passado dias bem duros nos começos de sua fábrica, conhecia as amarguras da vida dos colonos, obrigados a trabalhar de sol a sol, como bestas, para arrancarem da terra o sustento de suas famílias, quase sempre numerosas.

Numa mente bem formada como a dele, não foi difícil a concepção de um projeto de colônia coletiva em que todos trabalhavam para o bem comum, participassem uns das alegrias e tristezas dos outros e onde todos fossem iguais, com os mesmos deveres e os mesmos direitos. E resolveu pôr em prática o projeto com os seus parentes e sobrinhos e dois estranhos à família: constituiu uma sociedade anônima, com o capital de 50 contos de réis, dos quais só ele ficou com 47 contos e 200 mil réis, sendo o restante subscrito pelos outros dez acionistas. A sociedade foi denominada "Sociedade Concórdia Bahu" com sede em

Blumenau e cujos fins eram "tornar melhor e segurar a existência dos seus sócios ativos, por meio do trabalho comum, repartindo-se por eles com justiça, o produto do trabalho, com a ajuda de todos os progressos culturais, econômicos e sociais.

Como se vê, uma finalidade altamente altruísta, humanista. Para concretizar seus fins a sociedade se propunha:

1º) Adquirir terras apropriadas para a lavoura, e indústrias correlatas.

2º) Construção de Casas de morada para os sócios.

3º) Estabelecimento de oficinas para a fabricação de objetos de uso dos sócios e não sócios, desde que residentes no distrito. A duração legal da sociedade seria de 30 anos a partir de 1º de Janeiro de 1915, e seria administrada por dois diretores, um técnico e um comercial, eleitos por 3 anos. Foi adquirido um terreno no lugar Bau, o qual, dividido em lotes seria distribuído aos sócios ativos os quais deveriam ser maiores de 21 anos e menos de 60, no gozo de seus direitos civis, ter boa saúde física e mental, boa fama e caráter pacífico; deveriam adquirir pelo menos duas ações sociais que, para os que não pudessem pagá-las à vista poderiam ser cobertas em prestações mensais. Além disso, deveriam os sócios ativos aceitar o trabalho que lhes fosse determinado, atendendo-se, porém às suas aptidões e vontade.

Cada sócio receberia da administração, uma casa para morada, com um lote para jardim, pagando um aluguel médico. O produto do trabalho de todos os sócios entraria para um monte comum que seria, então, negociado pela administração e o resultado da venda, deduzidas as despesas distribuído com equidade entre todos os sócios.

Deu-se começo aos trabalhos. Bruno Hering cheio de entusiasmo pela idéia, inspirado sempre pela bondade de seu coração, pelo desejo de concorrer, na medida do possível, para que a vida dos seus semelhantes fosse cada vez menos difícil, mais suportável e mais amena, não se cansava de providenciar, aqui e ali as medidas necessárias à concretização do empreendimento. Mas, não demorou muito e começaram a surgir as dificuldades; as coisas não andavam como ele sonhava na sua ingenuidade de homem sem maldade.

Não conhecemos, nas suas minúcias, os fatos que decidiram do fracasso da iniciativa. Mas a verdade é que poucos meses após a fundação da Sociedade "Concórdia Bau" a coisa foi por água-abaixo, causando ao seu idealizador a mais profunda decepção e grande tristeza, além de considerável prejuízo financeiro.

É bem esse espírito que animou o "Onckel Hering" que, ainda hoje, inspira os diretores das indústrias Hering, com relação aos seus operários.

É sabido que essas indústrias tem procurado, por todos os meios e modos, auxiliar os que concorreram e continuam fazendo a sua prosperidade. Com a instituição de creches, de cooperativas de consumo, e ambulatórios, de assistência jurídica e cursos especializados, de esco-

las primárias, essas indústrias têm concorrido para que os seus operários, sentido-se amparados e felizes trabalhavam com boa vontade e, até mesmo, com entusiasmo, dando assim o máximo pela prosperidade da firma, que lhes dá a subsistência.

E, felizmente este exemplo da Cia. Hering não é isolado. As grandes indústrias de Blumenau, também seguem o mesmo caminho e, sem precisar tentar a instalação de colônias coletivas encontram meios para que os serviços prestados pelos operários em comum reverta, em boa parte em benefício de cada um e em particular.

E, fazendo bem aos seus operários, as fábricas têm, igualmente, as suas grandes compesações. O que elas gastam com o bem-estar dos que as ajudam a se desenvolver sempre mais, elas recebem em ordem, tranqüilidade, na dedicação dos seus operários, na alegria com que eles, fugindo das greves e das reivindicações exageradas, dão tudo de si para torná-las mais ricas e mais produtivas.

A História de Blumenau revela :

Medidas de restrições financeiras impostas ao Dr. Blumenau junto aos colonos, pelo Governo, ameaçam conflitos na Colônia. O Diretor, após fazer ponderações, coloca o cargo à disposição, disposto a exonerar-se. (Extraído dos originais constantes dos arquivos da Baixa Saxônia, a carta que ora transcrevemos).

Ilmo. e Exmo. Sr.

Tive a honra de receber a Circular de V^a Excia. de 16 do corrente, que se refere às recentes ordens e instruções do Ministério da Agricultura, exaradas em Aviso de 6 do mesmo mês e relativas à maior economia na aplicação das rendas públicas e, tendo já de viva voz, exposto á V^a Excia. diferentes graves dificuldades que estorvam a marcha dos serviços e negócios desta colônia, permito-me ainda apresentar as seguintes respectivas observações sobre o assunto:

Logo depois do recebimento da referida Circular, mandei afixar o Edital, junto em cópia, em que declarou aos colonos que nenhum deles imigrado antes de 1^o de janeiro de 1877, possa nem deva mais receber serviços nas obras públicas, com exceção daqueles raríssimos

isolados casos, que pelas autoridades superiores expressamente foram autorizados. Ressalvando assim, e sem quebra de princípio e consequência algumas exceções a resolver pelas autoridades superiores, foi e é minha intenção mitigar a exarcebção momentânea dos espíritos e prevenir funesta explosão da mesma, deixando lugar à esperança e margem, para que mais tarde as mesmas autoridades resolvam como melhor entenderem, se as circunstâncias acaso se tornarem desagradáveis e críticas.

Em conformidade com este edital e o orçamento para janeiro, que tive a honra de apresentar à consideração de V^a. Excia., procederei ao recenseamento dos colonos, a quem ainda se possa conceder serviço e lhes hei de distribuí-lo com toda circunspecção, pretendendo atender em primeiro lugar àqueles a quem assista o maior direito, e em segundo aos outros, que forem os realmente mais necessitados.

Com isto, bem que talvez não fossem inteiramente na letra das concernentes ordens do Governo, tenho feito o que me ditam o sentimento do dever e o interesse pela causa pública e do mesmo Governo, a prudência e finalmente a prática e a experiência dos respectivos negócios ... querendo-se armar um arco, faz-se sucessiva e prudentemente, ou eie se quebra ou arrependa a corda com consequências funestas... Neste caso, acham esta colônia e o abaixo assinado. Se atualmente se quisesse ir ainda além ou abaixo daquilo que fiz, considero como inevitáveis e iminentes sérias perturbações pela maioria. A pública e outros funestos acontecimentos, provocados pela maioria. A tal desgraça e responsabilidade, porém, eu não poderia assistir impassível nem aceitar esta última; de certo que eu não havia de abandonar covardemente meu posto, mas arrostando a primeira borrasca... e aconteça-me em seguida o que me aconteceu a mim e minha família... eu me havia de retirar com ela fora da colônia, não me podendo sugerir ao papel de coveiro da mesma.

Se portanto, as medidas que adotei, infelizmente não merecessem a aprovação dos meus superiores, não me resta senão mui respeitosamente solicitar, que desde já ou com a possível brevidade me seja concedida dispensa, suspensão ou exoneração de meu atual honoroso cargo.

Daqui em quatro a seis meses talvez que seja possível e praticável, de novo, apertar o parafuso; mas atualmente tal ato havia de provocar explosões que não me parece prudente, nem eu me animo a provocar.

Deus Guarde V^a Excia. — Exmo. e Exmo. Snr. Joaquim da Silva Ramalho, Primeiro Vice-Presidente desta Província. — Assinado: Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau. — Diretoria da Colônia Blumenau, 31 de dezembro de 1878".

Há 50 anos a “Igreja de Cristo” em Rio do Sul foi construída e inaugurada

Um acontecimento importante para a Comunidade de Rio do Sul foi a Assembléia Extraordinária de 23 de agosto de 1927, na qual na presença de 41 membros da paróquia foi resolvida a construção de nossa majestosa Igreja de Cristo. A Assembléia instituiu uma contribuição de Rs. 100.000 e elegeu os membros João Hoffmann, Helmut Letzow, Emil Altenburg, Oswald Hadlich, Franz Dittrich e Franz Eger para a Comissão de Construção, à qual pertencia também o Pastor Leonhard Grau.

Já a 31 de outubro do mesmo ano foi colocada a pedra fundamental na presença do Presidente da “União das Comunidades Evangélicas de Sta. Catarina e Paraná” (hoje Sinodo Evangélico de Sta. Catarina e Paraná) Pastor Duerre de Timbó. Como a comunidade no início contava só com os próprios meios, a construção foi feita em etapas. As contribuições dos membros da paróquia pró-construção, não chegavam nem de longe para terminar a construção da igreja. Viu-se então a paróquia na necessidade de organizar festas anuais afim de angariar fundos para alcançar o objetivo. As festas foram sempre realizadas com grande presteza e boa vontade por parte das comunidades, tendo ainda esse encargo coletivo contribuído para a maior união da paróquia.

A construção da grande e ao mesmo tempo simples igreja de estilo gótico durou 6 anos. No dia da Ascensão de Cristo em 1931 foi festejada a Festa da Cumeeira, estando presente o reverendo Propst G. Funcke — representante da Igreja-Mãe da Alemanha — sendo só a 5 de novembro de 1933 chegou o dia no qual podia ser inaugurada a Igreja de Cristo.

A Comunidade de Rio do Sul viveu uma data histórica e memorável no dia da inauguração de sua igreja e têm-na ainda em grata recordação. O Pastor Grau relatou-nos o seguinte no “Christenboten”: “A 5 de novembro deste ano, por ocasião dos festejos do 25º aniversário da fundação de nossa Comunidade Central pudemos inaugurar a recém-construída “Igreja de Cristo”. E com que júbilo! Nossa jovem cidade nunca vira tantos visitantes de todas as partes do Estado como nesse dia. Afluiram por trem, caminhões, automóveis, bicicletas, a cavalo. Foi pena não terem sido concluídos os últimos 15 quilômetros da estrada de ferro, pois o planejamento de um trem especial teria sido compensador.

Os participantes dos festejos reuniram-se frente à velha capela construída em 1908 e que servia à comunidade por longos anos. Após

uma breve cerimônia de despedida, o extenso cortejo dirigiu-se à imponente igreja nova lá a colina descortinando a vida da cidade. Adiante seguiam as crianças, depois a Comissão de Construção, os operários construtores, os convidados de honra, a Associação das Senhoras, as moças levando a chave da porta, os pastores, os diversos clubes com suas bandeiras e a comunidade em geral. A igreja foi consagrada pelo reverendo Probst Funcke de Porto Alegre, representante permanente do Supremo Conselho de Igreja Evangélica em Berlin. Com Efésios 6, 10-17 apontou ele de maneira tocante a necessária edificação espiritual da comunidade a par da edificação exterior de seu templo. A pregação esteve a cargo do Pastor Andresen de Badenfurt que cativou os fiéis com a interpretação dos Atos dos Apóstolos 4, 12, deixando bem claro que na situação perturbadora, em que se acha o mundo, só Cristo é Guia e Salvador.

O Coro Misto de Nova Berlin, aparecido voluntariamente, emprestou especial moldura ao festejo, com seus magníficos hinos e o mesmo podemos dizer do Coro Masculino aqui da Cidade.

A planta foi feita pelo arquiteto Meinecke de Blumenau e executada criteriosamente pelo construtor Franz Strube aqui residente, para inteira satisfação da comunidade (falecido em 1943 durante o internamento no "Campo de concentração" de Florianópolis). A responsabilidade pela obra coube à Comissão de Construção. Com reconhecida dedicação e devotamento sacrificios materiais cuidou ela gratuitamente, durante anos, dos serviços e problemas inerentes a seus cargos. Com gratidão especial aqui fica o agradecimento às senhoras da Associação de Senhoras Evangélicas, exemplares em seu empenho, trabalho e espírito de sacrifício.

Somos sinceramente gratos pelos generosos auxílios recebidos de nossa sempre solidária Igreja-Mãe, da generosa Diretoria da Fundação Gustavo Adolfo de Leipzig, da Associação Gustavo Adolfo de Wiesbaden da República Alemã, das firmas e participantes de nossa Comunidade. Igualmente importantes são-nos as pequenas e as menores doações de boa-vontade da própria comunidade, as quais, como diz o Senhor, têm seu especial valor".

Com a construção da igreja concluiu-se uma obra que se deve primeiramente à iniciativa do Pastor Grau (falecido em nov. de 1936). Essa obra teve todo o seu carinho. Conforme consta de um protocolo de 10 de abril de 1936, as despesas de construção atingiram a soma de Rs. 97.075.960, o que hoje, 1958, significa uma cifra de cerca de Cr\$ 1.350.000,00.

(Conforme a Crônica da Paróquia Evangélica de Rio do Sul, compilado por P. Hermann Stoer).

HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU E DO SEU FUNDADOR

Nemésio Heusi

(Conclusão)

Da elaboração dos estatutos foram encarregados os Visconde de Barbacena, Taunay, Koseritz, o Dr. Blumenau e Gruber.

As primeiras reuniões da novel sociedade foram realizadas nos domingos subseqüentes. Na segunda reunião, em 28 de outubro, foi eleita a diretoria da sociedade, constituída dos seguintes membros: Presidente, Tenente-General e Conselheiro Henrique de Beaurepaire-Rohan; vice-presidente, Visconde de Taunay; 1º secretário, André Rebouças; 2º secretário, Ennes de Souza; tesoureiro, Schmidt-Dranmor; diretores, Barão de Irapuã, Barão de Teffé, Barão de Tautphous, Gruber, Malvino dos Reis, Nicolau Moreira, Gustav Tinks, João Glapp, Major Leite de Castro, Dr. Vicente de Souza, Dr. Ferreira d'Araujo e Oliveira Lisboa.

Por proposta de Schmid-Dranmor, foram eleitos diretores honorários da sociedade, em votação unânime, o Dr. Blumenau e Koseritz.

O Visconde de Taunay propôs que se consignasse em ata um voto de especial louvor a esses dois idealizadores da sociedade.

Os fundadores da sociedade podiam se julgar satisfeitos com o resultado obtido, e de fato estavam.

Não é possível se verificar se Dom Pedro II, que havia sido convidado para participar da instalação solene da Sociedade Central de Imigração, compareceu à mesma.

Koseritz esperava que o Imperador se manifestasse, nessa ocasião, "franca e lealmente", em favor da imigração. Cabia a ele decidir, pois conseguiria tudo quanto quisesse, uma vez que era, realmente, onipotente. Salientou Koseritz que o julgamento da História dependeria da atitude a ser tomada por Dom Pedro II.

Caira em solo sáfaro a semente lançada pelos amigos dos chineses.

A Sociedade Central de Imigração iniciou vigorosamente sua atividade e algo logrou alcançar.

Foi-lhe negado, entretanto, o grande sucesso esperado. Não se conseguiu interessar pela idéia o Governo e a opinião pública. Todavia, isso em nada afeta o juízo que se forma do Dr. Blumenau e seus companheiros de luta.

Empreenderam "a última investida"; a decisão quanto à vitória ou à derrota dependia de outros fatores.

O Dr. Blumenau introduzira-se como colonizador no Brasil em

1848, com o seu saudoso memorial daquele ano à Assembléia Provincial de Santa Catarina, e despedia-se com a fundação da Sociedade Central de Imigração, que constituiu o seu testamento de colonizador e podia assim deixar o Brasil plenamente convencido de haver feito, sob as condições mais adversas, tudo o que estava ao seu alcance.

III

Karl von Koseritz, deputado sul-riograndense era agressivo e, por mais de uma vez, em "Koseritz Deutsche Zeitung", atacou o Imperador, dizendo ser ele contra a imigração alemã.

O Dr. Blumenau discordava de seu patricio, dizendo exatamente o contrário, defendendo o Imperador.

Koseritz, terminada a reunião, comentou com o Dr. Blumenau:

— Você defende o nosso Imperador e eu lhe pergunto porque não foi ele à reunião solene de instalação, uma vez que fora convidado?

— Por vários motivos, meu amigo. Um Imperador tem o seu tempo tomado.

— Blumenau, vou solicitar uma audiência com Dom Pedro, a fim de por as minhas dúvidas a limpo de uma vez por todas.

— Excelente idéia, meu amigo.

Em fins de outubro de 1883, apelando para o prestígio do Visconde de Taunay, Koseritz solicitou audiência e esta lhe foi concedida para os primeiros dias de novembro. Koseritz pediu ao Dr. Blumenau que aguardasse o resultado da audiência, para só depois viajar para sua Colônia.

Enquanto aguardava, o Dr. Blumenau passou os dias em companhia do seu velho e bom amigo Paul Schroeder, na Corte.

Depois da audiência, Koseritz chegou ao hotel satisfeito e alegre, cumprimentou o Dr. Blumenau, felicitando-o pelo acerto do seu conceito quanto a Dom Pedro.

— Você, Blumenau, tem toda razão. Desfiz as minhas dúvidas e me penitencio das minhas injustiças, meu bom amigo.

— Como assim, Koseritz?

— Tão logo fui recebido por Sua Alteza, cumprimentando-o respeitosa-mente, disse-me ele, textualmente: "Vossa Senhoria foi injusto para camigo, ao afirmar, em artigo assinado na "Koseritz Deutsche Zeitung" que sou um adversário da imigração teuta e que essa malquerença já teria atingido a medula dos meus ossos. Ora, isso é uma injustiça, pois Vossa Senhoria sabe que sempre fui amigo dos alemães"!

— Foi exatamente o que eu te disse, Koseritz. Como reagiste?

— Blumenau, eu fiquei desarmado, acabei reconhecendo e confessando o meu equívoco e pedi desculpas ao nosso monarca.

— E ele?

— Aceitou, e voltamos a ser amigos. Será que foi por isso que ele não compareceu à sessão solene?

— Nada disso, meu amigo. Os motivos devem ter sido outros, que não convém agora discuti-los. Lançamos a semente da Sociedade Central de Imigração. De agora em diante, o problema não é mais nosso, e sim, da própria Sociedade e de seus dirigentes, meu amigo Koseritz.

Da Corte, o Dr. Blumenau embarcou para a sua ex-Colônia, com o propósito de ultimar os seus negócios ainda pendentes e embarcar, definitivamente, para a Alemanha, ao encontro dos seus familiares.

Sem outras ambições, dando por finda a sua missão colonizadora, apenas com os seus poucos recursos para poder viver modestamente, como sempre viveu em sua Colônia e terminar os seus dias em sua pátria, depois de uma ausência de mais de trinta e cinco anos.

**

OS ÚLTIMOS MOMENTOS NA COLÔNIA

Revolvendo seus papéis e documentos antigos, quando dos preparativos do seu regresso para a Alemanha, um por um, o Dr. Blumenau os ia examinando atentamente.

Demorou-se relendo as declarações do seu bom amigo Visconde de Taunay à Assembléia Geral, em 10 de fevereiro de 1882: "Estude-se, minuciosamente, a influência que o elemento germânico possui nos pontos em que mais se acha representado, não se poderá deixar de admirar os resultados dessa colonização.

Basta dizer que cada uma das colônias alemãs representa uma escola prática de amor ao trabalho.

A Província de Santa Catarina encontrar-se-ia na maior decadência, se não abrangesse essas colônias maravilhosas de populações européias tais como Blumenau, Joinville e outras".

Taunay, o cavalheiresco descendente de antiga estirpe de fidalgos provinciais, que, como patriota brasileiro escreveu "A Retirada da Laguna", a epopéia do soldado brasileiro, na língua dos avoengos franceses, mantinha estreitas relações com Dom Pedro II e era amigo do Dr. Blumenau, dizendo-lhe, certa vez, o que muito envaideceu o colonizador: "Sob vários pontos, considero a colonização alemã a melhor. Com ela, o Dr. Blumenau desejaria constituir a base da nacionalidade brasileira".

Depois, lembrou-se do seu melhor amigo na Corte, já falecido, Miguel Calmon du Pin Almeida, o Marquês de Abrantes, e a sua gafe quando certa vez, o Marquês sondava-o para uma possível condecoração e ele, sem o perceber, sempre preocupado com a falta de dinheiro para a sua Colônia, quando o Marquês em conversa fez, gracejando, alusão a uma condecoração, no intuito, talvez inspirado pelo soberano, de tatear o terreno, ao que ele, preocupado com a falta de dinheiro, replicou, sem querer, de maneira pouco cortês, que preferia receber dez a quinze contos de réis para a sua Colônia.

O fato que o crachá ficou à margem por oito anos; no entanto, a questão do dinheiro foi resolvida logo depois da gafe.

Pegou e abriu o canudo de ferro e dele retirou o retrato do Imperador. Fixando-o, lembrou-se, sorrindo, dos momentos de audiência com o soberano: "Tendo terminado a audiência, o Dr. Blumenau continuou de pé diante do Soberano e este estranhando, perguntou-lhe se ainda tinha algum desejo a manifestar".

Dom Pedro ficou admirado ao ouvir resposta afirmativa.

Quando porém ele lhe pediu o seu retrato, o Imperador deu-o, autografando-o na sua presença.

Aproximava-se o dia da sua partida: 15 de agosto de 1884.

De véspera, o Padre Jacobs, que dele tantas vezes divergira e em muitas brigaram, foi o promotor da homenagem derradeira da ex-Colônia ao seu Colonizador.

Reuniu todos os seus amigos no Hotel Schreep, preparou-lhe mercedíssima homenagem, quando propôs as seguintes moções:

1ª — O Município de Blumenau deve ao Dr. Blumenau profunda gratidão, pelos ótimos serviços prestados.

2ª — O Município reconhece que o bem-estar geral se deve, quase todo, ao grande fundador e incansável diretor..

3ª — Estas resoluções serão publicadas nos jornais mais importantes do Império.

Todos os presentes assinaram.

Em seguida, o Dr. Blumenau foi introduzido no recinto, sob uma calorosa salva de palmas.

O Pe. Jacobs o saudou e agradeceu-lhe, em nome de todos os municípios, os relevantes serviços prestados à Colônia.

O futuro dirá e fará justiça ao seu nome e à sua obra.

O homenageado respondeu com voz embargada e muito comovido:

"A recompensa mais preciosa encontro na certeza de haver sinceramente concorrido para o bem da Colônia e dos seus habitantes. De haver, em suma, cumprido com o meu dever"!

Depois das palmas, fez-se silêncio, pedindo o Pe. Jacobs que Bluno Hering recitasse Goethe, como última homenagem ao Dr. Blumenau.

Ele, visivelmente chocado e triste com a partida do seu velho e querido amigo, pensou um pouco e com voz firme:

— Hoje, neste momento solene da despedida de um grande amigo, não recitarei Goethe, e sim, o que mais se assemelha à admirável e humana figura do Dr. Blumenau; direi Schiller, "Esperança e Realização":

"Lança-se ao oceano, com mil mastros, o adolescente; Retorna ao porto, num bote, salvo e silencioso, o ancião".

O CREPÚSCULO DO IDEALISTA A ÚLTIMA CARTA AO IMPERADOR

No dia 20 de outubro de 1884, a bordo do vapor "Strasburgo", quando preparava-se para iniciar a viagem de regresso à Alemanha ao escrever para o Imperador Dom Pedro II, a seguinte carta, cujo original encontra-se exposto no Museu Imperial de Petrópolis:

"Senhor! Vossa Magestade Imperial se dignou ajuntar às muitas provas de sua alta benevolência com que me tem honrado e distinguido, ainda o presente do seu augusto retrato.

Agradeço com profundo acatamento e de coração, tão preciosa dávida que até o fim dos meus dias me será uma das mais caras lembranças em qualquer parte do mundo, o que o bom e o mau fado acaso me levar ainda. Hei de legá-lo ao meu filho como estímulo, que lhe ensine que provas tais de benevolência e apreço não se grangeiam e merecem senão por uma longa vida honrada e laboriosa. E esperando e desejando que este atual adolescente, no seu tempo, volte a esta sua pátria como homem instruído e prestimoso, ousou recomendá-lo à sua augusta benevolência e proteção de V. M., esperando igualmente que dele se torne merecedor e digno como bom e útil súdito de V. M. e cidadão.

Retiro-me profundamente comovido desta minha bela pátria adotiva em que passei os dias mais felizes como também os mais infelizes de minha vida. Teria desejado deixar um dia minhas cinzas no torrão em que derramei meu suor, mas tenho de curvar-me aos ditâmes do destino. Meu derradeiro e íntimo desejo, perdendo, e com vivas saudades, de vista o "Gigante que dorme", é que as mais benignas estrelas iluminem ainda por longos anos de preciosos dias de V. M. para felicidade e glória de sua augusta família e da esperançosa Terra de Santa Cruz.

De Sua Magestade Imperial, o muito reverente e fiél súdito.
Hermann Bruno Otto Blumenau".

**

O Dr. Blumenau voltou para a sua velha pátria, a Alemanha, que nunca deixou de amar, embora muito amasse também a sua pátria adotiva, o Brasil, onde viveu por mais de trinta e seis anos.

Modesto e simples como sempre, até os seus últimos dias, parecendo mais um colono do que o colonizador.

Seria natural que fosse morar na rica e próspera Hamburgo, onde moravam todos os abastados parentes de sua esposa. Todavia, a fim de poupar à esposa e aos filhos, que haviam sido criados e educados em ambiente modesto, ele preferiu voltar a morar na cidade de Brunswick, onde a vida era bem mais barata do que no rico centro comercial de Hamburgo. E também porque ali estava mais perto de sua irmã que recentemente enviudara, Agnes Gotter, pela qual tinha profunda estima e uma vez que ela residia perto, em Wolfenbuttel, mudando-se, mais tarde, para Brunswick.

A Família Blumenau ocupou, a princípio, um andar de uma modesta casa sita à Schleinitzstrasser, mais tarde se transferindo para Gliesmarodestrasser.

O Dr. Blumenau jamais possuiu uma casa própria, em sua pátria.

De tal modo rígida era a sua economia doméstica, que o Dr. Blumenau se dava ao único luxo de adquirir, vez por outra, um bom livro.

Só aos domingos, fumava um charuto e em dias comuns, o seu inseparável cachimbo.

Sentia-se alegre e feliz quando recebia fumo e palha de seus colonos. E só então fumava os seus cigarrinhos. Nos seus últimos dias, amante que sempre fora da natureza, enquanto pôde andar, visitava com predileção o Jardim Botânico da Escola Politécnica de Brunswick, já que se tornara amigo do seu diretor.

Quase todos os seus amigos e conhecidos haviam falecido. Dentre eles podem se citar: Humboldt, Martins, o Marquês de Abrantes, Ferreira de Brito, Riedel, Trommsdorf, Robert Avé-Lallemant, Schmid Dranmor, Kloseritz, Fritz Mueller, Tochudi, Egas Muniz, Taunay, Dom Pedro II e muitos outros.

Chegava-se ao fim do século XIX e, com ele, os últimos momentos do Dr. Blumenau. Em outubro de 1899, pouco antes de atingir os seus oitenta anos, falecia esse notável batalhador.

A senhora Bertha Louise e sua filha Christine estiveram a seu lado até os seus últimos instantes.

A sua derradeira alegria foi a visita de sua filha Gertrud e a notícia dos festejos planejados em Blumenau, comemorativos do cinquentenário da fundação do município, a sua querida Colônia.

Uma forte pneumonia muito o debilitou e a 30 de outubro de 1899, tranquilamente ele entregava a sua alma ao Criador.

Morria o Homem, para viver na História o Colonizador, perpetuado o seu nome no hoje rico e próspero Município que fundara.

Tendo sempre como seu companheiro inspirável o seu ideal, que lhe deu forças e retemperou a sua fibra de aço, para vencer as suas grandes lutas do cotidiano, que engrandeceram e enaltecera a sua vida, perenizada na Cidade de Blumenau, qual mensagem viva e edificante do grande idealista.

E da modesta Colônia, fundada há 130 anos em plena selva do território norte de Santa Catarina, aí está rica, bela e próspera a Blumenau dos nossos dias, com uma população já beirando a casa dos duzentos mil, grande indústria e forte comércio.

E aí está também o crepúsculo de uma grande vida, toda ela voltada ao bem e ao trabalho, que foi o nome honroso de HERMANN BRUNO OTTO BLUMENAU!

CONCLUSÕES DO AUTOR

Foram sábias e proféticas as palavras de Taunay sobre a colonização alemã na Província de Santa Catarina.

Convém repeti-las: "A Província de Santa Catarina encontrar-se-ia na maior decadência se não abrangesse essas colônias maravilhosas de populações européias, tais como Blumenau, Joinville e outras". E falando ao próprio Dr. Blumenau: "Sob vários pontos, considero a colonização alemã a melhor. Com ela desejaria constituir a base da nacionalidade brasileira".

Senão vejamos o que representou e representa essa colonização.

Eu nasci em Itajaí, neto de imigrante suíço-alemão, há setenta e um anos, em 1909. Com dezesseis anos comecei a trabalhar como conferente de cargas, na firma Malburg & Cia., de minha cidade, fundada por Nicolau Malburg, imigrante alemão que veio pouco depois do Dr. Blumenau.

A firma era agente de Carl Hoepcke & Cia., outro imigrante também alemão que chegou, primeiro, diretamente para a Colônia. Alguns anos mais tarde, a convite de seu tio Ferdinando Harckrad, que foi companheiro do Dr. Blumenau na sua primeira viagem rio acima para a escolha do local de sua futura Colônia, para mais tarde se transferir, com a sua família, para o Desterro e ali, com o tio, fundar um Império Comercial com ramificações em todo o Estado de Santa Catarina. Seus navios de cabotagem eram três: "Max", "Ana" e "Carl Hoepcke".

Chegavam e saíam dos portos em que escalavam, partindo de Florianópolis com escalas em: Itajaí, São Francisco, Santos e Rio de Janeiro, com duas viagens mensais, em horas certas, cronometradas em cada porto.

Em Itajaí, por exemplo: o "Ana" ou o "Carl Hoepcke" chegavam, invariavelmente, a uma hora da tarde; o comandante dava-se ao luxo de entrar a barra e, já adentrado o porto, olhava o seu relógio, exatamente uma hora da tarde, apitava anunciando a sua chegada.

Carregavam e descarregavam e no dia seguinte, às nove horas da manhã, religiosamente, dentro da disciplina germânica, rumavam para outros portos.

O ritmo de trabalho no porto era sempre o mesmo: rígido e disciplinar. Às cinco horas da tarde, depois de carregar e descarregar, viravam os seus guindastes para as lanchas que desciam o Itajaí-Açu rebocadas pelo vapor de rodas de pás laterais "Blumenau" e encostavam no costado do navio as lanchas para descarregar primeiro os produtos perecíveis, tais como a célebre banha "Itajaí", linguiças, salsichas, carnes de porco defumadas, manteiga, queijo, conservas, todos produtos dos colonos, tais como: dos Jensen, Weege, Sallinger e muitos outros, que eram descarregados das lanchas, diretamente para o frigorífico dos navios.

Em seguida as cargas diversas para os porões, como sejam: as malhas Hering, as toalhas da Artex, os lençóis da Garcia, as toalhas de mesa da Karsten, os artigos hospitalares e de higiene da Cremer, fécula da Lorenz, enfim, uma interminável lista de produtos os mais variados, todos produzidos em Blumenau, com o trabalho dos colonos para que lá levou o Dr. Blumenau há mais de um século e hoje, exportam para o Brasil inteiro e já atravessaram as nossas fronteiras, conquistando muitos mercados em vários países do mundo, como é o caso da Hering, da Artex, da Cremer, da Kuehnrich, da Karsten e uma infinidade de outras firmas, todas da Colônia que o Dr. Blumenau fundou, nos idos 1850.

Comecei a escrever este livro em abril deste ano de 1980. Em maio completei setenta e um anos, terminando o livro em começo de outubro, exatamente dentro da disciplina germânica em que fui criado, às quatro horas da tarde do dia 3 de outubro de 1980.

Aposentado "por velhice", aos sessenta e cinco anos, por questões familiares, doença de minha esposa, glaucoma, com visão apenas em um único olho, de vinte por cento, deixei de trabalhar para lhe fazer companhia, já que estamos casados há mais de quarenta e cinco anos.

O meu último trabalho, como Diretor-Administrativo de uma grande Empresa de Vigilância Bancária, com mais de quatro mil funcionários, era, obviamente, mental.

Continuarei este mesmo trabalho mental, escrevendo e lendo muito, de modo que uma parada brusca da atividade, não me traumatizasse.

Confesso, a velhice já começou a enrugurar minha face, mas jamais enrugará o meu espírito.

Para terminar as minhas conclusões sobre este livro, no qual romanceei a vida e a obra do Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau e seus admiráveis colonos, o fiz sinceramente, vendo neles a maior parcela da grandeza e do progresso do meu Estado de Santa Catarina. Para melhor situá-los em meu conceito e dentro da minha verdade, aí está a rica, próspera e encantadora Cidade de Blumenau, terra de trabalho, arte e cultura, onde a hospitalidade da sua gente transformou-a no maior pólo turístico do sul do Brasil, segundo fontes oficiais.

Inspirei-me em Schiller, o grande poeta lírico alemão, para dar o toque final do meu livro, quando escrevo "A Epopéia do Dr. Blumenau e seus Colonos":

"Subindo, rio acima, numa simples canoa, o moço
Derrubou a mata,
Construiu uma Colônia
Viú e sentiu, o fruto do seu ideal maior, o ancião

Transformado no fecundo trabalho de seus colonos,
Desceram o rio,
Fretaram mil navios,
Costearam o oceano,
Abasteceram o Brasil,
Singraram os mares,
Abasteceram o Mundo!"

CURIOSIDADES DE UMA ÉPOCA — XV

O estafeta postal do trem

S. C. Wahle

Quem conhece Monteiro Lobato, conhece seu famoso conto "Um Suplício Moderno". Nele é descrito um estafeta do fim do século passado. Muitas passagens deste conto podem-se aplicar àquele que foi o estafeta postal do trem que ligava Blumenau à "Hamonia (hoje Ibirama). Naquela época, o trem só fazia este percurso. Chegava a Blumenau em torno das 10 horas e partia às 15 horas.

Viajava neste trem um estafeta do correio, que era o responsável pelo transporte das malas postais de Hamonia a Blumenau. Impecável no se uniforme sempre limpo e bem passado a ferro, de maneiras e modos finos e altamente eficaz. Ao chegar a Blumenau, retirava do trem as malas postais, colocava-as em um carro de mola que os levava à agência do correio. Então começava a primeira parte do martírio diário do estafeta. No trajeto da Estação Ferroviária até o correio, que ficava, inicialmente quase na esquina da Rua 15 de Novembro com a rua Itajaí e depois transferido para o início da alameda Rio Branco, de livro de notas em punho, fazia pedidos nas casas comerciais, enquanto se dirigia ao correio. Estes pedidos iam desde agulhas, carretéis de linha, papel de seda, cadarços, rendas, material escolar e de escritório, ferragens e ferramentas, principalmente de sapatarias e marcenarias. Lembro-me de que, da loja de meu pai, sistematicamente levava certos tipos de penas de escrever, folhas de papel almaço pautadas avulsas e um jornal em alemão editado em Curitiba — Der Kompass. É preciso lembrar e frisar que só se tratava de material avulso, cujo número de itens passava de algumas dezenas. Durante toda sua existência, até se aposentar, o Sr. Sedlazeck desincumbiu-se destas tarefas impecavelmente. Excetuando certa vez em que ficara seriamente doente, o Sr. Sedlazeck era de uma assiduidade impecável, de segunda a sábado. Ao retornar do correio para o trem, passava por todas as lojas onde deixara os pedidos, apanhando o material e retornando com o trem à Hamonia.

ACONTECEU... _____ Junho de 1982

— DIA 1º — A imprensa de Blumenau registrou o falecimento da Professora dona Júlia Strzalkowska, ocorrido dia 30 de maio. Dona Júlia faleceu aos 78 anos de idade, tendo dedicado cerca de 60 anos de vida ao magistério, iniciado em Rio Negro, no Paraná e encerrado em Blumenau.

— DIA 2 — A Assessoria Especial do Meio Ambiente de Blumenau, iniciou programação especial para registrar a Semana Nacional do Meio Ambiente e do Dia Mundial do Meio Ambiente, buscando conscientizar a população para a necessidade da preservação da natureza.

— DIA 2 — A Fundação “Casa Dr. Blumenau” divulgou o relatório das atividades da Biblioteca “Dr. Fritz Mueller”, durante o mês de maio, o qual atingiu o total de 744 empréstimos e 3.482 consultas, tendo o maior número de empréstimos incidido no gênero Literatura, com 520 empréstimos.

— DIA 4 — Nas dependências do Clube Blumenauense de Caça e Tiro, realizaram-se as solenidades de abertura do 12º Campeonato Sul Brasileiro de Tiro, promovido pela Confederação Nacional e pela Federação Catarinense de Tiro ao Alvo, o qual se prolongou até domingo, dia 6.

— DIA 4 — Neste dia, instalou-se no Teatro Carlos Gomes, o III Seminário de Avaliação do Turismo, promovido pela Secretaria Municipal de Turismo de Blumenau.

— DIA 4 — Em noite auspiciosa, na Biblioteca Pública “Dr. Fritz Mueller”, a Fundação “Casa Dr. Blumenau” promoveu o lançamento e noite de autógrafos dos livros editados pela mesma instituição, “A Alemanha que eu vivi”, de Altair Carlos Pimpão, e “Resistência”, de Roberto Diniz Saut, cujo acontecimento contou com numeroso público que lotou aquelas dependências.

— DIA 5 — Neste dia foi inaugurada a Igreja de Santo Antônio da Paróquia localizada no bairro Garcia, obra das mais belas, originais e amplas para o maior conforto dos fiéis. Localiza-se nas proximidades da entrada da rua Antônio Zendron, local onde existia, antigamente, o Cine Garcia.

— DIA 9 — Em Itajaí, foi iniciada a programação elaborada para festejar a Semana do Município, com duas solenidades, uma às 15,00 horas na E.E. “Aníbal Casar” e a outra, às 17,30 horas, com a

Abertura do Salão de Paisagens de Itajaí, no Salão Nobre da Prefeitura Municipal.

— DIA 9 — Na Galeria Municipal de Artes, foi aberta a exposição de 16 gravuras do artista plástico holandês M.C. Escher.

— DIA 10 — A Secretaria de Saúde e Bem Estar Social da Prefeitura de Blumenau, entregou neste dia, ao prefeito Ramiro Ruediger, o relatório das atividades daquela Secretaria, referentes ao mês de maio. Revela o Relatório que o Setor de Medicina Comunitária e Departamento de Saúde atenderam no período de 30 dias, ao total de 13.115 pessoas. Por outro lado, o Setor de Odontologia Sanitária atendeu, em maio, 1.792 pessoas, em 11 consultórios dentários localizados nas escolas municipais, Centros sociais e na sede da SESBES. O setor de Bem Estar Social, atendeu 1.305 pessoas.

— DIA 12 — Na Praça "Juscelino Kubitschek, Prainha, realizou-se o espetáculo musical "Blumenalia" com sucesso absoluto.

— DIA 13 — Faleceu neste dia o Maestro Heinz Geyer, figura de extraordinária fixação pessoal nos meios artísticos musicais de nossa cidade, tendo atuado por mais de sessenta anos dirigindo orquestra sinfônica, corais e como compositor da aplaudida ópera "Anita Garibaldi". Seu passamento foi muito sentido e ele deixou seus amigos aos 84 anos de idade. Foi sepultado no cemitério evangélico, tendo acompanhado seu corpo até à última morada, grande número de admiradores e amigos.

— DIA 25 — Um violento temporal que desabou, neste dia, sobre Blumenau, especialmente os bairros da Velha, Vila Nova e Bom Retiro, causou grandes estragos, destelhando casas e derrubando árvores. A ventania foi tão violenta que conseguiu fazer desabar parte da cobertura metálica do Ginásio "Sebastião Cruz", causando sérios estragos. Felizmente não houve vítimas.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

O “Kolonie-Zeitung”

Elly Herkenhoff

(Continuação)

A história da imprensa em língua alemã no Brasil teve início a 2 de agosto de 1852 — apenas três meses antes do nosso “Observador” —, quando em Porto Alegre se lançou um modestíssimo jornalzinho denominado “Der Kolonist” (O Colono), que encerrou suas atividades um ano mais tarde. O terceiro jornal foi o “Der Deutsche Einwanderer” (O Imigrante Alemão), editado em 1853 no Rio de Janeiro, cabendo o quarto lugar ao “Der Deutsche Beobachter” (O Observador Alemão), também lançado em 1853 — ambos de efêmera existência — e em 1858, foi a vez do “Brasilia”, que circulou até 1861.

E com estes cinco empreendimentos, todos efetivados com muitíssimo idealismo e pouquíssimos recursos, encerra-se a primeira fase — o primeiro decênio praticamente — da imprensa redigida em alemão no Brasil.

No início da década de 60, porém, novas perspectivas se projetam; novos rumos se delineiam, com o lançamento de dois dos mais importantes jornais — um no Rio Grande do Sul, outro em Santa Catarina — o nosso “Kolonie-Zeitung”. E a partir daquela década, o jornal redigido em alemão deixa de ser um órgão meramente local, defensor de interesses puramente regionais. A proporção que vai multiplicando a sua própria capacidade, vai também, a pouco e pouco, ampliando a sua influência nos centros urbanos das províncias do Sul. Vai alcançando, ao longo dos decênios, todas as áreas de colonização alemã, cumprindo, até na mais longínqua roça arraigada em nossa hinterlândia, a missão de difundir cultura e entretenimento, notícias de ensinamentos; a missão de transmitir mensagem de esperança aos desesperados, mensagem amiga na língua familiar, a milhares, a milhões de imigrantes e filhos e netos de imigrantes, não só de alemães, austriacos e suíços, mas ainda de imigrantes das mais diversas nacionalidades, conhecedores do idioma alemão, como holandeses, húngaros, romenos, poloneses, russos, bálticos, gente oriunda principalmente de todos os recantos da Europa, gente de todos os credos, de todas as classes, de todas as profissões.

O retrospecto acima — ainda que aparentemente inoportuno ou desnecessário, talvez — é essencial para avaliação de um dos fatos de maior relevância dos primeiros decênios de nossa história: a fundação, a 20 de dezembro de 1862, do primeiro jornal impresso em Joinville, o Jornal da Colônia, que seria, durante oito décadas, um dos mais representativos periódicos em língua alemã, no Brasil, o jornal que acompanharia, passo a passo, o vem-e-vai das gerações, gravando em suas páginas, hoje amarelecidas, toda uma história de lutas, de fracassos, de vitórias, de risos, de lágrimas — toda uma história de 80 longos anos...

É possível que Ottokar Doerffel já tenha acalentado os seus sonhos desde a sua chegada a Joinville, quando aqui travou conhecimento com o nosso jornalista pioneiro, Karl Khueppel, e o seu jornalzinho "sui generis". É provável que tenham até mesmo trocado idéias sobre a possibilidade do lançamento de um jornal impresso. O certo é que em 1857 tudo já estava aplanado, assentado, liquidado: os fundos necessários para a instalação da oficina tipográfica inteiramente à disposição, graças às subscrições de vários moradores de Joinville. E em 1858, já o prelo e demais apetrechos encomendados na Alemanha, o local da sede já escolhido, o tipógrafo Carl Wilhelm Boehm, recém-imigrado, já contratado para dirigir a oficina. E em meados de 1858, o material para a impressão do nosso jornal todo embarcado no veleiro "Francisca", que deixou o porto de Hamburgo em julho daquele ano. E é de se crer que até mesmo o artigo de fundo, que apresentaria o primeiro número ao público ansioso de Joinville e Blumenau, já revisado, aguardando o seu dia de impressão, talvez na gaveta de uma escrivaninha.

Mas, estava escrito que a barca portadora da tão preciosa carga, jamais chegaria ao destino: a 15 de setembro daquele ano de 1858, a barca naufragou à entrada da barra de São Francisco, no terrível banco de areia Sumidouro, levando para o fundo do mar, não apenas o prelo e demais apetrechos, mas também toda a bagagem dos 100 imigrantes que vinham de Hamburgo, a bordo da "Francisca"...

Apesar da decepção terrível, não só de Ottokar Doerffel, mas de toda a comunidade, novas iniciativas levaram, enfim, à realização do sonho: poucos anos depois, foi comprado outro prelo em Leipzig, o qual chegou a 9 de novembro de 1862. E, a 20 de dezembro — como presente de Natal para Dona Francisca e Blumenau — vem a lume, festivamente recebido pela população, o número piloto do "Colonie-Zeitung", que em seu cabeçalho se identifica como "Anzeiger fuer Dona Francisca und Blumenau". (Órgão de Anúncios para Dona Francisca e Blumenau) e que se apresenta ao público leitor com o seguinte editorial:

"Pátria! Que sublime fascinação a deste nome, e ao pronunciá-lo, como se ergue, como se amplia o nosso peito — mas, quantos sentimentos, para nós dolorosos, com ele se relacionam! A verdadeira Pátria, com as suaves recordações de nossa juventude, com tudo aquilo que se nos tornou caro pela educação e pelo hábito do dia-a-dia — nós a deixamos. Longe, infinitamente longe se encontra ela atrás de nós, e provavelmente dela estaremos separados para todo o sempre! E a nova Terra, na qual construímos o nosso lar e à qual ligamos toda a nossa existência? Esta nova Terra ainda não se tornou Pátria para nós. Ela parece ainda não querer nos aceitar como seus filhos e quanto mais profunda a afetividade com que a ela nos tentamos ligar, mais nos sentimos estranhamente repelidos, não raras vezes — e tanto mais impetuosa se reacende a saudade da velha e inesquecível Pátria, a Pátria que, na verdade, também já nos perdeu de vista e nos esqueceu. Real-

mente, embaraçosa e desalentadora situação a nossa, quando — feito apátridas — não mais sabemos, por assim dizer, a quem pertencemos!

Mas não, caros leitores! Exatamente esta nossa situação poderá se tornar feliz, se nós mesmos não falharmos. Com vontade firme e perseverança conseguiremos reatar as relações com a velha Pátria, reatá-las quando rompidas e reafirmá-las onde afrouxadas, torná-las cada vez mais vivas e assim ampliar, por assim dizer, a velha Pátria até nós — não no espaço, decerto, mas espiritualmente. Atuando contínua e persistentemente, de acordo com a nossa índole e nosso espírito germânico, haveremos de conseguir também o nosso relacionamento com com ela. Aí então teremos em dobro o que antes apenas possuímos unilateralmente. Por isso, tenhamos fé e confiantemente olhemos para o Alto, para Aquele que dirige o destino dos homens e dos povos para o seu bem.

A fundação deste Jornal se deve, primordialmente, ao desejo de contribuirmos para que todos os imigrantes alemães que escolheram o Brasil Meridional e, principalmente a Província de Santa Catarina para se estabelecerem, aqui encontrem, realmente, uma nova Pátria. O Jornal se propõe, por isso, a acostumar e familiarizar o colono, sobretudo com as condições de vida que o cercam e mais lhe dizem respeito, pois enquanto as contingências do ambiente lhe forem estranhas, enquanto não conseguir com elas se entrosar e delas não souber se beneficiar convenientemente, nunca se sentirá perfeitamente à vontade, por certo, e o meio estranho nunca lhe será familiar. Deste modo, consideramos tarefa primordial nossa, promover a pesquisa e a análise no setor — quase sempre novo para o imigrante — da agricultura, das profissões agrárias e dos trabalhos caseiros, reunindo e divulgando conhecimentos úteis, experiências práticas e novas pesquisas, as quais, convenientemente debatidas, servirão de estímulo e orientação. Por outro lado, divulgaremos os conhecimentos e esclarecimentos indispensáveis ao colono, no que se refere às questões de direito e à legislação do País. Em especial informaremos sobre as disposições e medidas governamentais atinentes à colonização ou à posição social do colono, sobretudo quanto às leis e disposições locais, municipais e provinciais, quando relacionadas com os colonos. Neste particular, o Jornal se propõe a defender os interesses dos colonos, na medida de suas forças e não deixará de denunciar quaisquer falhas da colonização e debater propostas para a sua remoção, assim como não deixará de promover o que for proveitoso à comunidade e combater o que lhe for prejudicial e sempre que reconhecer como justo um motivo para recriminação, usará de franqueza para manifestar-se — nunca, porém, no intuito de gerar desapontamentos e rancores, mas sim, com a finalidade única de ser útil e contribuir para o bem-estar geral.

E do mesmo modo como daremos ao colono a oportunidade de se habituar e familiarizar com o ambiente, também o informaremos, de maneira geral, sobre o que se passa na vida dos homens e dos po-

vos. Com essa finalidade, o Jornal publicará sempre um resumo, claro e compreensível, das mais importantes ocorrências mundiais, sobretudo os fatos mais em evidência na Europa, dando atenção especial às coisas e à evolução dos acontecimentos nos países de língua alemã, indo assim de encontro ao interesse do colono pela velha Pátria. Por outro lado, informará fiel e continuamente sobre a situação e evolução da Colônia no intuito de despertar também na velha Pátria interesse pelos colonos, para que ela não mais considere ovelhas perdidas os seus filhos emigrados, abandonando-os à sua própria sorte — como até agora, infelizmente, vinha acontecendo — mas, ao contrário, conscientize bem as perspectivas que, por seu intermédio, se projetam, com a criação de novos mercados consumidores e novas fontes de produtos de sua importação, intensificando o intercâmbio comercial em bases mais amplas, contribuindo assim para o desenvolvimento e o progresso.

Ao lado da finalidade geral acima explanada, este Jornal se destina ainda, de modo especial, a servir de crônica fluente e de órgão semanal de anúncios às colônias Dona Francisca e Blumenau. Neste sentido não apenas publicará com regularidade semanal e mensal, notícias a respeito de tudo que for digno de menção no setor físico, estatístico ou histórico, nas duas colônias vizinhas, trazendo ao debate as suas questões, mas ainda dará às autoridades, aos industriais e comerciantes, bem como a toda e qualquer pessoa que procure ou tenha alguma coisa a oferecer, a oportunidade de levar ao conhecimento geral e contra pagamento de módicas taxas, as publicações de todas as espécies.

E no intuito de ligar o belo e o agradável ao útil e austero, será anexado, semanal e gratuitamente para os moradores da Colônia, um suplemento recreativo, sobre cujas tendências e sobre cujo conteúdo daremos pormenores no primeiro número a ser lançado no Ano-Novo.

A tarefa do Jornal é vasta e difícil o seu início. Ele precisa, além da participação ativa, da compreensão do público para poder chegar gradativamente, a resolver cada vez mais e melhor a sua tarefa.

Vai aqui um veemente apelo a todos os que sentirem a vocação e a capacidade para contribuir na solução deste objetivo, que ajudem a Redação com informações e colaborações. O jornal destinado a promover os interesses gerais e coletivos, estará aberto à opinião de cada um, contando que a sua manifestação seja de utilidade coletiva e alie uma apresentação adequada à brevidade da redação. Notícias estatísticas e outras de interesse geral, encontrarão boa acolhida, não importa que sejam bem elaboradas ou rapidamente escritas, ainda carentes de revisão — um direito, aliás, que a Redação se reserva em relação a todos os artigos que lhe forem remetidos. Por outro lado, o Jornal nunca servirá a fins partidários ou especiais, nem tampouco acolherá polêmicas pessoais e muito menos se deixará usar — nem na parte redacional, nem nas páginas dos anúncios — como arena de manifestações, grosseiras e ofensivas.

Verdade e Humanidade" — seja este o seu lema sempre condcente, com o qual saudamos os nossos leitores de maneira muito cordial.

A RELAÇÃO DO "COLONIE-ZEITUNG"
(Continua no próximo número)

Prefeito de Braunschweig visitou Blumenau

Esteve em Blumenau neste mês de julho, aqui chegando no dia 4, o Dr. Peter Lamberg, prefeito (Oberstadtdirektor) da cidade de Braunschweig, República Federal da Alemanha e que aqui veio a convite do ex-prefeito Renato Vianna, para inaugurar uma rua desta cidade com o nome de Rua Braunschweig. O Dr. Peter Lamberg, recebido carinhosamente não só pelas autoridades municipais mas também por grande número de Blumenauenses que com ele tiveram contato, estava acompanhado de sua esposa dona Gudrun.

Na companhia da esposa e assessorado pelo sr. Alfredo Wilhelm durante toda sua estadia e em parte também pelo atual prefeito Ramiro Ruediger, o ilustre visitante percorreu diversos bairros e subúrbios de Blumenau, assim como fez palestra ilustrativa no Centro Cultural 25 de Julho, visitou comemoradamente a FURB e em especial a biblioteca daquela instituição. Na terça-feira, dia 6, depois de estar em visita ao prefeito Ramiro Ruediger, ao qual fez entrega de uma bandeira de sua cidade, o Dr. Peter Lamberg foi recebido pelo diretor executivo da Fundação "Casa Dr. Blumenau", jornalista José Gonçalves, que ofereceu ao visitante e acompanhante, uma feijoada no Horto Florestal daquela instituição, local em que o Dr. Peter Lamberg permaneceu durante muitas horas, agradavelmente impressionado com a paisagem e aspectos da pequena floresta ali existente.

Homem de alto grau de cultura, comunicativo, irradiando simpatia, virtudes que tão bem ornamentam também sua esposa, o Dr. Peter Lamberg marcou sua presença em Blumenau pelo trabalho que desenvolveu no sentido de criar um efetivo intercâmbio cultural e fraterno entre Blumenau e sua cidade, acertando a troca de estudantes alemães e brasileiros para estágios nestas duas cidades, assim como irá propiciar todas as facilidades na montagem de uma mostra de Blumenau, seus aspectos e seus produtos industrializados e manufaturados, a ser aberta em Braunschweig muito em breve.

Ao retornar à sua cidade, o Dr. Peter Lamberg concedeu entrevista à imprensa alemã, na qual deu destaque especial à sua permanência em Blumenau, enaltecendo o povo e a administração de nossa cidade, assim como às agradáveis paisagens que aqui descortinou e tanto identificam nossa cidade com a maioria das tradicionais cidades de seu país, muito especialmente no que concerne à ordem e à boa organização urbanística.

A opinião dos que nos visitam

— O exemplo de Blumenau deve ser seguido por outras cidades brasileiras, no que se refere à conservação de seu patrimônio, do passado. As casas típicas, os bens pertencentes aos antepassados, a sua Natureza, tudo está conservado aqui, no presente. — Assunção de Oliveira — São João Del Rei — Minas Gerais.

**

— A cultura de um povo mede-se pela extensão de sua tradição e a valorização desta apenas faz crescer o patriotismo e o valor de uma raça. Que este Museu sirva de exemplo para o resto de nosso país, que muito necessita de valorização de seus valores culturais — L. S. - Rio.

**

— O amor ao passado é o primeiro passo para um povo ter sua história preservada. E que bela alma a de Edith Gaertner! Que Deus ilumine o seu espírito! — Laila e Amazilda — Rio de Janeiro.

**

— Achei as peças expostas fantásticas. É como regredir no tempo, dá vontade de tocar nas roupas e em tudo, reviver o passado. Mas o que me deixou o coração pesaroso foi o belo gavião e outras lindas aves estavam presas em espaços tão pequenos, principalmente o gavião. — Wirmala Schatz — RJ.

**

— O Museu foi de valiosa importância para mim que nada sabia sobre Blumenau. Visitando-o aprendi o histórico desta bela cidade e seu nobre fundador, além dos imigrantes que formaram esta cidade. Achei-o bastante completo. — Simone V. Barbosa, Recife — Pernambuco.

**

— Este museu está muito bem equipado, parece quase impossível que tenham conseguido tantas relíquias. Cultivar nossos antepassados é uma maneira maravilhosa de continuarmos vivos. Vera Lúcia D. de Cervalho Queiroz — São Paulo.

Torneio Especial de Skat

O incremento do jogo de Skat, em Blumenau, nestes últimos anos, tem sido notável. Além dos certames oficiais de âmbito regional, estadual e nacional, organizam-se torneios especiais, como é o caso do Torneio Especial Taça "Eerald Volner", realizado no Tabajara Tênis Clube, com a participação de seis concorrentes, torneio este realizado sob os auspícios da Malharia Maju. Até aqui já realizaram-se três rodadas, as quais, no cômputo total, registraram os seguintes resultados classificatórios: 1º lugar, a S. E. Caça e Tiro Itoupava Norte, com 15.210 pontos; 2º lugar, o Tabajara Tênis Clube, com 13.430; 3º lugar Guarani E. C., com 13.270; 4º lugar, S. D. Vasto Verde, com 11.770; 5º lugar, Veteranos do Centro, com 11.510 e em 6º lugar, o Centro Cultural 25 de Julho, com 10.270 pontos.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *João Carlos von Hohendorf* - advogado; vice-presidente — *Rolf Ehlke* - Industrial.

Membros: *Elimar Baumgarten*, advogado; *Honorato Tomelim*, jornalista; *Ingo Fischer*, advogado, secretário da Educação e Cultura do município; *Altair Carlos Pimpão*, jornalista; professor *Antônio Boing Neto*; *Arno Letzow*, comerciante; *Beno Frederico Weiers*, advogado; *Heinz Hartmann*, repres. comercial; *Prof. Olvío Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

120 milhões de pessoas carregam a Hering nas costas.



Nas costas, na cintura, na lateral. É só examinar um brasileiro por dentro que você descobre uma etiqueta Hering.

Quem é que não gosta de usar uma malha de algodão macia, suave e confortável?

No trabalho, no esporte ou no lazer, qualquer tempo é tempo de camisetas, cuecas, pijamas e camisolas Hering.

Mas não é só no Brasil que a etiqueta dos dois peixinhos virou moda: ela também pode ser encontrada nas costas alemãs, canadenses, finlandesas, americanas, suecas e holandesas.

Afinal, quem fabrica 16 milhões de peças por mês não podia deixar tudo nas costas dos brasileiros.

Cia. Hering 
BLUMENAU - SANTA CATARINA